



Economia do Desejo e da Felicidade em Narrativas Televisivas Contemporâneas¹

Profa Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – Docente.

RESUMO

O artigo tem como objeto a discussão de fluxos desejantes e de investimentos de afeto, em narrativas televisivas contemporâneas, com foco na telenovela. O texto traz a perspectiva transdisciplinar entre Comunicação, Psicologia e a Economia Política da Comunicação, para abordar proposições da busca da felicidade, expressas em telenovelas. A intenção é partilhar reflexões teóricas, em relação ao investimento desejante na telenovela, em função do que é proposto em termos de soluções para os conflitos existenciais e ações possíveis, que possam significar a obtenção de resultados desse investimento. Segundo a telenovela, a (in) felicidade é resultado de esforço e sucesso individual, que independe de ações coletivas e, portanto, também, de ações e de políticas públicas.

Palavras-chave: telenovela; desejo; economia; felicidade; narrativas contemporâneas

Considerações Preliminares

O comparecimento de todos vocês aqui esta noite é a prova que eu precisava de que todos vocês aprovaram minha idéia. Já não é mais segredo, pra nenhum de nós, o que eu fazia na casa dos Figueroa. Logo não vai ser segredo para o público também. Eu espero que, sinceramente, eu tenha conseguido transpor para o papel tudo aquilo que vocês têm de alegre, de trágico, de romântico, de bonito, de feio, de louco, sei lá, enfim, tudo isso que faz de vocês personagens maravilhosos que eu espero divirtam os milhões de telespectadores, que vão ter o prazer de conviver com vocês nessa minha novela.

O texto acima foi a fala do personagem Jonas, interpretado por Raul Cortez, na telenovela Rainha da Sucata², escrita por Silvio Abreu. Inicialmente um mordomo da família Figueroa, os ‘ricos maus da telenovela’, no final, ele se revelou como um autor de novelas. Interessante esse personagem cuja característica o aproxima muito de Rodolfo, de Os Mistérios de Paris³. Um super-herói, de certa beleza, de gestos finos e delicados, preocupado

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Telenovela veiculada pela Rede Globo de Televisão, de 02 de abril a 27 de outubro 1990. (GUIA..., 2010).

³ Refiro-me, aqui, ao romance-folhetim de Eugène Sue, que foi publicado durante dois anos, no Journal des Debats, tendo gerado polêmica, na época, por trazer a público, na ficção, os bastidores de uma miséria de grande amplitude, que caracterizava a França, na época. No texto, Rodolfo era pai de Flor de Maria, que, durante todo o romance, ignora essa informação. Ele também foi o elemento de ligação entre os dois mundos, de ricos e pobres, comportando-se meio como quem



com as injustiças, entre os seus colegas, ‘personagens’ desse cotidiano novelesco, simpático e dotado dos mais louváveis sentimentos humanos. Jonas era ainda o detentor dos segredos e mistérios dos outros personagens. Era o elemento resolutório, o detentor dos ‘destinos’. Durante toda a trama, o personagem Jonas levantava dados para escrever uma novela – ou melhor, Jonas/Silvio de Abreu a estava escrevendo. Interessante que essa revelação significou ‘abrir o jogo’ com o telespectador. A fala dele, durante uma festa na boate, chamada Sucata, foi a fala do Silvio de Abreu - o verdadeiro autor da novela - para o telespectador. De certa forma, o escritor afirmou: “Vocês são meus personagens. É no seu cotidiano que eu busco matéria-prima para construir a novela de cada dia”.

É a condição de especularidade⁴ que se mostra presente, aqui, com a composição de uma metáfora social, em que se faz necessário discutir os campos desejanter em interação e o quanto as intensidades afetivas acionadas mobilizam as pessoas para determinados caminhos, em busca de felicidade. Telenovela, mãe-metáfora de vida é uma abordagem que já venho fazendo há mais 10 anos e que, de certa forma, pretendo fazer avançar neste texto. (BAPTISTA, 1996)

Vale ressaltar, então, que este texto surge de várias inquietudes e preocupações. A principal delas é o ‘rumo dessa prosa’, quer dizer, o resultado do investimento afetivo de milhões de pessoas, no que diz respeito ao seu sustento existencial de ficção, em confronto com a realidade. Quer dizer: o que, de fato, esse produto midiático proporciona aos seus consumidores, que se espera sejam sujeitos-consumidores-cidadãos? (HIRSCHMAN, 1983). São ‘nós’ que vêm sendo questionados, quando me ponho a refletir sobre o que realmente mobiliza os sujeitos para o consumo das narrativas contemporâneas televisivas, em especial, para o consumo da telenovela. E como esse produto midiático se constitui, a partir os personagens da vida real, nas suas características de sujeitos sociais, nas múltiplas dimensões? Parece-me que uma das pistas está exatamente no que eu estou chamando de fluxos desejanter e de investimentos de afeto e que será detalhado, a seguir, nas próximas ‘cenas’ deste texto.

Antes disso, no entanto, vale ressaltar o lugar que a telenovela ocupa no cenário midiático internacional. No mundo todo, 2 bilhões de pessoas assistem telenovelas e o

‘escreve’ a trama, embora isso não tenha sido explícito no romance. Na época, a repercussão do romance foi tanta, que chegou a ser discutido por Marx e Engels, (2005) no livro *A Sagrada Família*.

⁴ A expressão está sendo utilizada, aqui, no sentido de ‘relativa a espelho’, considerando o jogo de espelhos que se estabelece no processo de individuação do sujeito e que acompanha o sujeito durante toda a vida, em processos múltiplos de jogos especulares. A fundamentação inicial, aqui, é de Jacques Lacan (1990), no texto *O Estágio do Espelho*, bem como Antonio Godino Cabas (1982), com o livro *Curso e Discurso da Obra de Jacques Lacan* e outros textos freudianos e lacanianos, que contribuem para entender o substrato psicanalítico, a partir do qual Lacan desenvolve suas teorias. Neste texto, contudo, a noção de especularidade está expandida, para associar-se às dimensões maquínicas da subjetividade, em que o processo se manifesta, mas não se restringe aos primeiros meses da vida do ser humano.



produto movimentada, por ano, 70 milhões de dólares. O dado foi divulgado no 5º Congresso Mundial da Indústria da Telenovela e Ficção, promovido pelas revistas TV Más e Only Telenovelas, em Barcelona, em 2007. Na ocasião, a Rede Globo foi a única emissora brasileira presente, em um evento de grandes proporções, como foi evidenciado que até mesmo países que tinham um certo preconceito com o produto midiático, como a França, já sinalizavam para o início de produções. (ALENCAR, 2007)

Esses dados dão conta de que o fenômeno proposto aqui, como foco de análise, tem grande vulto, grandes implicações sociais e econômico-financeiras. Suas características de produto ficcional, de aparente ingenuidade e traços de superficialidade na construção de personagens e tramas, não correspondem a sua importância econômica e política no mercado midiático. Ao contrário, o agenciamento de aspectos emocionais, a frivolidade com que trata grandes polêmicas socioeconômicas e políticas – quando as trata -, e a pouca densidade analítica na construção de solução de conflitos das tramas narrativas compõem o ‘pacote’, ou seja, constituem traços intrínsecos ao produto, desde a época do folhetim francês. Por isso, o fenômeno significa um ‘locus’ privilegiado, a partir do qual se pode e deve olhar a indústria midiática, com toda a maquinação de engendramento econômico e político, com seus modos de produção de subjetividade e significação social.

Rumo a uma Teoria Econômica da Felicidade

Para apresentar a perspectiva de associação entre os fluxos econômicos e a felicidade, recorro ao texto de Maria da Conceição Tavares (1988), denominado Economia e Felicidade,⁵. Já no início, no que chamou de Introdução ao Caos, a autora apresenta a correlação entre as grandes rupturas na Ciência, em geral, e na Ciência Econômica, em especial, que demonstram o que chamei de “tempos de desmanche” (BAPTISTA, 1996).

Tavares também refere o estranhamento que o próprio título lhe causou, quando foi proposto, como temática a ser desenvolvida para o simpósio. “Associar Economia e Felicidade pareciam-me uma dessas ideias fora de lugar, como lembraria qualquer intelectual do eixo Rio/São Paulo, parodiando Roberto Schwarz” (TAVARES, 1988, p.1). Depois, a autora disse ter se dado conta que os temas estão absolutamente ligados. Lembrou que “[...]”

⁵ Ao percorrer este texto, fui percebendo conexões transdisciplinares, que se repetiram, posteriormente, como visibilidades possíveis entre várias áreas de saber. “Economia e Felicidade” é o título do artigo, com o qual entrei em contato, durante o Mestrado em Ciências da Comunicação, subárea Rádio e Televisão, na ECA/USP, em 1991. O texto de Tavares foi preparado para o Simpósio Internacional “Democratizando a Economia: discurso e práxis”, promovido pelo Instituto de Estudos Avançados da USP e Woodrow Wilson Center, São Paulo, 26 de julho de 1988.



riqueza, consumo, trabalho, progresso são temas centrais da economia política, que estão associados na mente humana à noção de felicidade” (TAVARES, 1988, p.1).

No resgate de grandes vertentes teóricas da Economia, desde a visão clássica, a autora ressaltou que a busca da “Felicidade Geral”, do Bem Comum, segundo a visão clássica, deveria ser feita pela liberdade de mercado, regida pelos princípios da competição, em que agiria a “mão invisível”, que levaria a Economia ao equilíbrio da Ordem Natural ou ao interesse do Contrato Social. Desde Adam Smith até os nossos dias, a economia política trata do trabalho, da produção, da produtividade, como necessidades do desenvolvimento econômico, submetidas a leis naturais ou históricas, e racionaliza o processo técnico como fonte de progresso humano em geral. A autora critica a economia política clássica, pelo que ela demoninou de “filosofia moral que prega a abstinência, a poupança, a austeridade e postula o equilíbrio, quando a acumulação da riqueza, o desperdício, o consumo conspícuo, as desigualdades e os desequilíbrios são as marcas registradas da história do capitalismo.”. (TAVARES, 1988, p. 10).

Tavares menciona, ainda, as correntes teóricas críticas, da economia política, que propõem a busca da felicidade e liberdade, através da superação das contradições sociais, “[...] que conduziriam à meta-histórica de uma sociedade sem classes e sem Estado, ou pelo menos reduzindo este último à esfera da administração das coisas”. A mesma autora afirma que os estudos da Economia Política, do século XX, evidenciaram que o grande desafio, para o Estado, independente do seu modelo, seria administrar os homens e não as coisas. Assim, remete o texto para as percepções do final do século passado, em que ficou explícita uma crise, no sentido amplo, que partia da crise dos Estados Nacionais, mostrando-se como possibilidade, inclusive, de destruir a própria sobrevivência em sociedade.

O contexto de caos, referido pela autora, é o mesmo que foi apontado pelos estudos das megatendências (NAISSBIT, 1982; 2000) dos anos de 1990, em que se vislumbrava a retomada do individualismo, a reconfiguração da produção nesse sentido, o avanço das mutações tecnológicas e sua contribuição para novos hábitos de consumo. Maria da Conceição Tavares (1988, p. 2) fala da emergência de temáticas como “[...] indivíduo, racionalidade, felicidade privada e geral, liberdade de mercado”, salientando que não se trata, ao que parece de uma onda neoliberal, já que essas perspectivas transversalizam várias disciplinas. No mesmo sentido, é interessante observar o que afirma Andreyra Navarro (2006, p.3), no texto Marketing da Perversão: A Nova Economia do Desejo:



A identidade outrora era organizada a partir de um reconhecimento de si pelo Outro, logo, por uma figura diferente do semelhante, uma figura que representa uma alteridade radical. [...] Os traços específicos que permitem a identificação fundamentavam-se em caracteres éticos marcados: a dignidade, a honra, a coragem, o sacrifício, o dom de si. Assim conhecemos o ideal do cavaleiro que a partir do século XIX, com o crescimento do capitalismo veio se chocar com o do financista. O único reconhecimento de si para o capitalista, e para todo sujeito inserido nesse “regime”, é a acumulação do capital.

O texto de Navarro traz uma discussão importante, sobre a nova economia psíquica do desejo. A autora explica que, na sociedade contemporânea, diferente da economia clássica, em que os sujeitos viviam sob a 'ditadura da Lei' e, portanto, a castração, na contemporaneidade o imperativo é o pleno gozo. “Passamos de um regime organizado pelo recalque do desejo para outro em que o desejo não é mais recalcado e as manifestações do gozo dominam. A participação na vida da sociedade, o laço social, não passa mais pelo compartilhar um recalque coletivo que chamamos “usos e costumes”, mas, ao contrário, por uma reunião numa espécie de festa permanente [...]” (p.2)

Por sua vez, a crítica de Maria da Conceição Tavares à economia liberal respinga os estudos da Comunicação, estruturados em um modelo cartesiano, reducionista, mecanicista, de caráter verticalizante, bem como os Estudos do Comportamento, na Psicologia, pela pretensão que transversaliza essas vertentes teóricas, no sentido de quantificação ou medição dos efeitos.

[...] o pensamento econômico liberal [...] passou a medir a felicidade pelas preferências ordenadas (ou reveladas) dos indivíduos e a livrar-se da angústia vendendo a varejo nos consultórios dos psicólogos a ‘felicidade’ como uma mercadoria. (TAVARES, 1988, p.11)

Vale referir, ainda, o que Tavares menciona como sendo a associação negativa entre economia e felicidade. Segundo a autora, a nova riqueza material depara-se com um dilema, entre os conservadores e progressistas, com os novos produtos, frequentemente, amaldiçoados pelos dois lados. “[...] se as massas têm acesso a ela, os conservadores se rebelam porque a ordem social é ameaçada; se permanecer intangível pelas massas, os progressistas ficam estarecidos com a crescente disparidade nos padrões de consumo”. Essa repulsa mencionada pela autora está de acordo com o que nos ensina Gramsci (1978, p. 106-107), quando comenta a rejeição dos intelectuais italianos, da década de 1930, em relação à publicação dos folhetins franceses produzidos cem anos antes. Segundo ele, “Os intelectuais não saem do povo, ainda que acidentalmente alguns deles sejam de origem popular; não se sentem ligados ao povo



(deixando de lado a retórica), não o conhecem e não percebem suas necessidades, aspirações e seus sentimentos difusos [...]”.

Fluxos de Investimentos Desejantes

A compreensão do fluxo dos investimentos desejantes, que caracteriza o vínculo com a telenovela, envolve o reconhecimento dos processos sutis, do que eu venho chamando de comunicação abstrata, na constituição de campos significacionais, na interação de sujeitos. Essa noção tem como fundamentação teórica a Esquizoanálise, em especial no que Guattari (1992) denominou fluxos incorporais a-significantes, como agenciamentos dos Equipamentos Coletivos de Produção da Subjetividade.

Vale ressaltar que esses processos não se restringem a espaços intrapsíquicos, individuais, mas são substrato da produção social capitalística, nos engendramentos sociais em que se verifica a conformação da indústria da comunicação. Segundo o Guattari, mais do que a ‘nova ordem de produção de bens materiais’ e de relações dela decorrentes, o Capitalismo Mundial Integrado gerou uma nova subjetivação, um novo modo de produção de sujeitos sociais.

O vínculo de Guattari com os movimentos sociais franceses, com sua marcante presença na política daquele país, contribui para a que a sua abordagem tenha sido produzida como uma crítica ferrenha ao caráter individualista da visão psicanalista freudiana e suas derivações. O mesmo autor, contudo, reconhece que o pensamento desses teóricos permite partir de um substrato teórico-conceitual, para expandi-lo e, mesmo, negá-lo, no que ele deixa de dar conta da complexidade dos processos de subjetivação no mundo contemporâneo.

A Esquizoanálise, como referencial teórico, então, possibilita uma compreensão, mais aprofundada, para os processos de constituição do sentido, considerando outros planos de significação, para além dos universos corporais significantes. Trata-se de uma visão, a partir da qual o sujeito vai existindo, nas suas múltiplas inscrições, no território de imanência. E, neste sentido, o seu ‘desenho’, a sua ‘configuração’, demanda também outras incursões, para ser apreendida no seu todo. Dizendo de outra maneira, é preciso extrapolar o visível e compreender a trama de maquinismos que constituem esse ‘desenho inscricional humano’.

Da perspectiva da Esquizoanálise, também trago a noção implícita do desejo, como potência do devir, ao contrário da perspectiva lacaniana de que o desejo surge da falta. Jacques Lacan tem sido também um dos meus referenciais, mas no que diz respeito à noção



de especularidade. A partir dele, com seu Estágio do Espelho, aprendi a pensar a complexidade do jogo de entrecos, dos imbricamentos subjetivos do encontro entre o sujeito e o Outro. O primeiro espelho do sujeito são os olhos da mãe, conforme o autor ensina. Neste sentido, estabelece-se um jogo de dependência mútua, cujo sentido das existências envolvidas e do processo de comunicação, em si, vai depender do processo mesmo. Não há a supremacia do código ou definições *a priori*. Há a intensidade do encontro e, no jogo de traços e abraços, a produção do sentido de si e do outro e, assim, a individuação autonomizadora que inventa uma nova vida.

É desde a infância que se instaura a máquina de produção de subjetividade capitalística, desde a entrada da criação no mundo das línguas dominantes, com todos os modelos tanto imaginários quanto teóricos nos quais ela deve se inserir. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 40).

Na verdade, essa máquina se instaura antes disso, já que contém dispositivos abstratos, da ordem do a-significante. Não se restringe, portanto, ao momento do acesso ao significante. Antes mesmo do acesso ao simbólico – campo das convenções –, as constelações de universos incorporais – da ordem do inarticulado, sem forma – já integram e pulsam nesse sujeito. Constituem um campo energético, que vai produzir diferenças, quando da interação desse sujeito com outros. Vai produzir diferenças na sua vida, no seu modo de ser e de viver e, claro, na maneira como produz marcas, como produz inscrições. Na perspectiva mais ampla, contudo, os maquinismos da subjetivação, seguindo o próprio Guattari (1992, p. 14), envolvem:

1. componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. elementos fabricados pela indústria da mídia, do cinema, etc; 3. dimensões semiológicas a-significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas.

Território de ‘Teledesejo’ de Felicidade

Há mais de uma década, venho discutindo a telenovela como um ‘território’ emblemático de produção social de sentido, por seu duplo viés: a ‘dimensão novela’ e a ‘dimensão televisão’ (BAPTISTA, 1996). Conforme grande parte dos textos sobre a temática



ressaltam, a telenovela, como produto midiático, tem como origem remota o romance folhetim francês, cujas características trazem a marca dos processos socioeconômicos, políticos e midiáticos do século XIX, daquele país. Igualmente, a produção decorre da força midiática da televisão, que, campo de produção, tem que ser compreendido como integrante constitutivo do produto telenovela, com um padrão tecnoestético⁶ característico.

Assim, percebo que este tipo de narrativa também se constitui, sob a influência direta dos resultados do processo de desenvolvimento e consolidação da tecnologia de televisão, em sua multiplicidade de liames complexos, numa trama existencial, que faz do veículo quase que uma ‘metáfora’ da lógica desenvolvimentista do mundo mídia do século XX. Consagrada como representante do progresso, a televisão transformou-se numa espécie de vitrine do modelo desenvolvimentista industrial capitalista, que se espalhou pelo mundo ocidental.

A ‘tele-visão’ foi interligando o mundo, ao mesmo tempo em que as redes multinacionais estruturavam o fluxo de mercadorias e tecnologias, criando as condições para o estabelecimento da globalização econômica e da mundialização da cultura, de que se tem conhecimento atualmente Ortiz (2000), Hall (1997), Barbero (2003). A mídia televisão foi, então, também reinventando a maneira de catalisar a demanda por ficção novelesca do sujeito do século XX, imerso em suas transformações cotidianas, num cenário de pós-modernidade, de globalização crescente e sofisticação tecnológica.

A produção desses territórios de teledesejo de felicidade se faz com o agenciamento do que vem sendo chamado, aqui, de fluxos desejanter, substância essencial na composição da narrativa do folhetim. Neste caso, está em jogo a mobilização das emoções primárias, aquelas que dizem respeito às questões mais profundas do ser humano e que, por isso mesmo, conseguem tocá-lo intensamente. Assim, as temáticas centrais das tramas giram em torno de questões que tocam o sujeito, nas suas aspirações fundamentais: a busca de desvendar suas origens; o desejo de compreender sua própria trama existencial, conhecendo seus pais verdadeiros; a compensação pelo reconhecimento dos valores pessoais. Este último aspecto vincula-se a um ideal do eu, marcado pela onipotência, ou seja, algo da ordem, ou melhor, da desordem do mundo inconsciente, onde predomina a arrogância ‘a-individual’ do sujeito, de um tempo em que, antes de se saber diferente do Outro, o sujeito se achava ‘tudo. Isto significa que a lógica, aqui, é a do princípio do prazer. Vincula-se, também, à necessidade de

⁶ O padrão tecnoestético discutido neste texto parte da formulação de Bolaño (2000 apud BOLAÑO et al, 2010, p. 36), tratando-se, segundo o autor, de “[...] uma configuração de técnicas, de formas estéticas, de estratégias, de determinações estruturais que definem as normas de produção cultural historicamente determinadas de uma empresa ou de um produtor cultural particular para quem este padrão é fonte de barreiras de entrada”.



pertença, de existência reconhecida e valorizada, em relação ao outro, e, portanto, ao universo social, de socialização.

Percebe-se, portanto, que, apesar da lógica psicanalítica inerente, esses fluxos desejantes, conforme vem sendo ressaltado, não se limitam ao universo individual do sujeito, mas dizem respeito à complexidade afetiva e intensa constituinte dos agenciamentos do desejo, o que envolve dimensões passíveis de serem apreendidas em níveis de consciência e relativas a processos relacionais, grupais, de tribos, de vínculos os mais diversos.

Além disso, como recurso, o ‘gancho’ narrativo, ou seja, a situação criada para aguçar a curiosidade do leitor, para deixá-lo em suspense, é fator que aciona, diretamente, o desejo. A dimensão desejante põe o sujeito na ‘expectativa’ de que o ‘gozo’ se realize, diante do desfecho do conflito cuidadosamente engendrado, pelo autor do texto narrativo. As pulsões, a busca incessante de gozo, de prazer em suas múltiplas dimensões são aspectos que, muitas vezes, passam uma ideia equivocada da telenovela. Aparentemente trata-se de uma produção voltada ao acionamento das dimensões do mundo privado e de ‘instinto básico, animal’, o que, sob alguns ‘olhares’ pode, aparentemente, desprestigiar o objeto, do ponto de vista científico, já que a Ciência tem o compromisso de explicar o mundo, os fenômenos, para contribuir com o complexo social em que ela é produzida.

A preocupação aqui, vale ressaltar, não diz respeito às emoções⁷, como ações internas individualísticas, mas como acionamentos nos sujeitos, que até partem desse substrato intensidade, mas que, se reconhece, constituem-se nos engendramentos sociais, éticos, econômicos, tecnológicos e políticos. Assim, o efetivo significado da telenovela é produzido coletivamente, socialmente, e a significação dessa produção está relacionada aos padrões tecnoestéticos e a sua articulação com as diversas instâncias mencionadas.

A narrativa folhetinesca pode ser pensada, nesse sentido, com relação aos aspectos ressaltados por Hirschman (1983), quando ele fala dos ‘bens verdadeiramente não duráveis’, que são bens que desaparecem no momento do consumo e que, por isso, são menos suscetíveis à decepção. Segundo o autor, as pessoas se mobilizam, para as dimensões do público e do privado, orientadas pela busca do prazer, pelo desejo, o que significaria a viagem do desconforto para o conforto. Esses elementos que caracterizam a telenovela, em sua essência de produção, ajudam a tentar entender o que ela oferece para o público receptor, como valor emocional agregado (MARTINS, 1999) como dispositivo de ritornelo

⁷ Interessa-me, em particular, a noção de Humberto Maturana, que não opõe o conceito de emoção ao de razão, mas o coloca como algo que está na essência do ser humano e de suas ações. Ele diz que emoções “[...] são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação” (MATURANA, 1998, p. 15).



(GUATTARI, 1992) ou de produção de punctum (BARTHES, 1984). Dizendo de outra maneira, no que Brittos (2003, p.3) chamou de “[...] questões ligadas à construção de fórmulas de conquista do receptor e de controle de muitos sistemas de distribuição”.

As fórmulas de conquista do receptor são muitas e, entremeados a essas fórmulas, numa espécie de tecido subjacente, estão os maquinismos de subjetivação capitalística e o padrão tecnoestético de cada emissora. Tudo isso é acionado e produzido em cenário midiático, que corresponde ao processo de implantação, desenvolvimento e consolidação desse ramo de produção simbólica. Tudo isso se expressa em cada narrativa televisiva contemporânea, assim como as telenovelas. Esses acionamentos contribuem para a percepção de possíveis rumos existenciais, individuais e coletivos, em busca da felicidade, o que, sem dúvida, merece ser refletido.

Nessa mesma linha de raciocínio, os estudos do folhetim francês⁸ ensinam sobre o modo como os autores franceses dos anos de 1830 conseguiram canalizar as demandas de emoção e intensidades afetivas de uma sociedade em crise. Também contribuem para o conhecimento sobre os dispositivos de mobilização desses sujeitos, sobre o que estava sendo investido e quais os elementos de constituição desse bem simbólico, que o transformavam em bem ‘de primeira necessidade’, para números sempre crescentes de receptores. O sucesso das produções folhetinescas foi tão grande que, na França dos anos de 1830, onde era grande o índice de analfabetismo e pobreza, foram criados os gabinetes de leitura, que cobravam ingresso para que as pessoas analfabetas pudessem ouvir a leitura do capítulo do dia. Parece que a ‘fome de ficção’ e dos ‘ingredientes emocionais’ que o folhetim oferecia também era grande. Nesse sentido, a semelhança com o mega esquema industrial que se criou em torno da telenovela e de seus produtos derivados não é mera coincidência.

Considerações Finais

Mobilizações afetivas e investimentos; desejos e demandas; indivíduos e sujeitos sociais. Mundos teórico-conceituais foram se misturando em mim, como referências cruzadas explicativas do fenômeno telenovela, desse enovelamento ficcional, que a célebre autora novelas, Janete Clair (apud FERNANDES, 1987, p. 20), explicou, quase que singelamente, do seguinte modo: “Novela, o próprio nome já define: um novelo que vai se desenrolando aos poucos”. Imediatamente, contudo, Fernandes (1987), contestou, dizendo se tratar de uma “[...]”

⁸ Sobre essa temática, ver, especialmente, os textos de Arnold Hauser (1982); Marlise Meyer (1982); Vinck (1989).



resposta simples demais para definir um fenômeno tão complexo”. Assim, mesmo reconhecendo, como Fernandes, que a simplicidade é um dos elementos responsáveis pelo sucesso da telenovela, a despeito de toda a crítica, já manifestada em relação ao folhetim e à telenovela – a começar por Marx e Engels, no caso do folhetim, passando por todo o discurso apocalíptico, em especial frankfurtiano, no caso da telenovela – continuo me questionando sobre que ‘fios’ compõem a trama desse ‘produto-novelo’ midiático, na sua complexidade constitutiva, em si mesmo, e ainda mais exacerbada, quando se pensa na relação com o seu receptor-consumidor.

As pistas que tenho mais explorado vão no sentido de que, como produto, em si, a telenovela tem como matéria-prima a mobilização de emoções primárias, que acionam o sujeito desde os meandros do seu inconsciente, suas feridas narcísicas, seus mundos inenarráveis de fantasmas e fantasias. A telenovela toca os afetos dos sujeitos em ‘lugares’ especiais desses seres, ali onde há os questionamentos profundos sobre as origens de cada ser, sobre a realidade e verdade dos afetos das pessoas que nos são mais caras, mais importantes. Ali, onde residem guardadas as grandes dúvidas existenciais sobre os amores não conquistados, os conflitos não resolvidos, as malquerências de todo o tipo, a gama de frustrações e... claro, as ilusões perdidas que se reacendem diante do luxo, do brilho, da beleza, da intensidade da promessa de sucesso em todo o tipo de empreendimento e de investimento amoroso, seja ele na vida íntima de um casal de apaixonados, seja ele no sucesso financeiro, no desejado resultado de criação dos filhos⁹. Ali está o universo onde ‘tudo se resolve’¹⁰, explicitando que, na prática, o receptor vivencia um ‘desconfortante prazeroso consumo da telenovela’¹¹, já que é tranquilizador viver os conflitos dos personagens, pois se sabe que, no final, eles serão naturalmente resolvidos, diferentemente do que ocorre na vida real, em que a solução dos conflitos é, em geral, uma operação bastante complexa e nem sempre bem sucedida. Deste modo, o investimento é sempre constante, porque o desejo está sendo sempre acionado e a promessa de felicidade é renovada todos os dias, a cada capítulo e, em seguida, em reedições, que, de novo, prometem: “vale a pena ver de novo”.

Bibliografia

⁹ Ressalte-se, aqui, por exemplo, a fala de uma empregada doméstica, na dissertação de Arim Soares do Bem (1988), quando ela expressou o desejo de “[...] viver um amor de verdade, desses da telenovela”.

¹⁰ Interessante, neste sentido, o texto de Everardo Passos Guimarães Rocha (1995, p.31), sintomaticamente denominado *A Sociedade do Sonho*, em que ele se refere aos meios de comunicação, como o lugar onde não há conflito. Deste autor, ver também *Magia e Capitalismo* (1990).

¹¹ Essa perspectiva foi trabalhada por mim, em outro texto, apresentado na Universidade de São Paulo, como um dos artigos produzidos para a disciplina *O Receptor em Comunicação e o Consumidor Cultural*, ministrado pelo professor doutor Mauro Wilton de Souza. São Paulo, 1991.



ALENCAR, Mauro. Entrevista sobre o 5º Congresso Mundial da Indústria da Telenovela e Ficção. Barcelona, 2007. Disponível em: <http://www.htforum.com/vb/showthread.php?t=56712>. Acesso em: 10 mai. 2010.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação: trama de desejos e espelhos. Os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato.** Canoas: ULBRA, 1999.

_____. **Comunicação.** Trama de Desejos e Espelhos. Canoas: ULBRA, 1996. (Coleção Mundo Mídia).

_____. O desconfortante prazeroso consumo da telenovela. Artigo para a disciplina **O Receptor em Comunicação e o Consumidor Cultural.** Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). São Paulo, 1991.

BARBERO, Jesús Martín. Globalização Comunicacional e transformação Cultural. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 57-86.

BARTHES, Roland. **A câmera clara.** Lisboa: Edições 70, 1984.

BRITTOS, Valério Cruz. Oligopólios Midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada. **Cadernos IHU Idéias.** n. 09, p. 3, 2003.

CAMPEDELLI, Samira Youssself. **A telenovela.** São Paulo: Ática, 1985.

CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil.** Porto Alegre: L&PM, 1982.

COSTA, Alcir Henrique da; SIMÕES, Inima Ferreira; KEHL, Maria Rita. **Um país no ar, história da TV brasileira em três canais.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FADUL, Anamaria (ed.). **Ficção seriada na TV: as telenovelas latino-americanas, em uma bibliografia anotada da telenovela brasileira.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

FERNANDES, Ismael. **Memória da telenovela brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O mito na sala de jantar.** São Paulo: Movimento, 1984.

FIUZA, Sílvia Regina de Almeida (coord.). **Dicionário da TV Globo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. V. 1.



GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1981.

_____. **Caosmose**. Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Linguagem, consciência e sociedade. In: LANCETTI, Antonio. **Saúde Loucura**, n. 2. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **O inconsciente maquínico**. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. **Revolução molecular**. Pulsações Políticas do Desejo. 3.^a edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIA Ilustrado TV Globo: novela e miniséries. Projeto Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

HALL, Stuart. A identidade Cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DPeA, 1997.

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. Tradução Walter H. Greenen. v. 1-2. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

HIRSCHMAN, Albert O. **De Consumidor a Cidadão**: Atividades Privadas e Participação na Vida Pública. Tradução Marcelo M. Levy. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LACAN, Jacques. **Escritos**. 16. ed. México/Madrid/Bogotá: Siglo Veintiuno, 1990.

LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social na novela das oito**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

MACEDO, Cláudia et al. **TV ao vivo**. Depoimentos. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARTINS, José. **A natureza emocional da marca**: como encontrar a imagem que fortalece sua marca. São Paulo: Negócio, 1999.



MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Sagrada família**: Crítica da Crítica Crítica contra Bruno Bauer e seus seguidores. Tradução Sérgio José Schirato. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

MATTELART, Michele; MATTELART, Armand. **O carnaval das imagens**. A ficção na TV. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MELO, José Márquez de. **As telenovelas da Globo**: produção e exportação. São Paulo: Summus, 1988.

MEYER, Marlise. Folhetim para almanaque ou rocambole, a ilíada de realejo. In: **Almanaque**. Modos Menores de Ficção. n. 14, São Paulo, Brasiliense, 1982.

NAVARRO, Andreyra. Marketing da Perversão: A Nova Economia do Desejo. In: IX Congresso IBERCOM, Sevilla-Cádiz, 2006.

NOVAES, Adauto (org.). **Rede imaginária**. Televisão e democracia. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1991.

ORTIZ, Renato et al. **Telenovela**: história e produção. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RAMOS, Roberto. **Grã-finos na Globo**: cultura e merchandising nas novelas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **A sociedade do sonho**: Comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

_____. **Magia e Capitalismo**: um estudo antropológico da publicidade. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RODRIGUES FERNANDES, Heloísa (org.). **Tempo do desejo**: Sociologia e Psicanálise. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **O monopólio da fala**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Televisão e psicanálise**. São Paulo: Ática, 1987.



TAVARES, Maria da Conceição. Economia da Felicidade. In: Simpósio Internacional “Democratizando a Economia: discurso e práxis”. São Paulo: Institutos Avançados da USP/ Woodrow Wilson Center, jul. 1988.

TÁVOLA, Artur da. **A telenovela brasileira**: história, análise e conteúdo. São Paulo: Globo, 1996.

VINCK, Nico. The Novel as Narrative on Oppression and Change. In: _____. The Telenovel and Emancipation: a study on TV na social change in Brazil. Amsterdam Koninklijk Intituut voor de Tropen, 1988. traduzido por Oxford Traduções. 1989.